

INTRODUÇÃO À PUBLICAÇÃO ALEMÃ DE O QUE FAZER? DE TCHERNICHÉVSKI (1951)¹

*Georg Lukács*²

*Traduzido por: Gabriel S. Philipson*³

INTRODUÇÃO

O curso da vida de Nikolai Gavrilovitch Tchernichévski é o típico de um revolucionário russo do século passado [XIX]. Nasceu em Saratov, em 1828, filho de uma família e de um pai padre, tendo sido enviado a um seminário eclesiástico graças à profissão de seu pai. Mais tarde, se formou, com grandes dificuldades, na Universidade de Petersburgo, tendo logo se tornado professor em escolas primárias em Saratov, e posteriormente em Petersburgo. Sua dissertação de mestrado produziu um tal furor que a carreira universitária se abriu a ele. Contudo, Tchernichévski dedicou sua vida desde cedo à publicística revolucionária. Foi colaborador e posteriormente redator da revista “Contemporâneo” que, sob sua direção, se tornou o centro da vida de esquerda russa. Os melhores da literatura revolucionária – Nekrassov, Saltikov-Schiedrin e outros – trabalharam para ela, mas suas orientações intelectuais e ações ideológicas se devem aos artigos de Tchernichévski e de seu amigo Dobroliubov. Em 1862, a revista foi proibida. Em 7 de junho do mesmo ano, Tchernichévski foi condenado a oito anos de trabalhos forçados na Sibéria. Marx escreveu a respeito do processo judicial e do julgamento o seguinte: “O primeiro fórum foi, para ser honesto, suficientemente esclarecedor de que não existe absolutamente *nada* contra ele e de que as alegadas cartas secretas e os complôs de que teria participado eram evidentemente falsificações. Mas o *senado*, sob a ordem do Tzar, concordou com esse julgamento e mandou que esse homem astuto – “tão hábil” como foi qualificado no julgamento – mantivesse seus escritos fora de circulação, ainda despachando-lhe um presente público: para a Sibéria. O movimento revolucionário russo tentou, em vão, libertar Tchernichévski, o qual, mesmo após o cumprimento de sua pena, foi obrigado a se manter retido

¹ Tradução recebida em: 12/05/2017 e aceita em: 04/07/2017

² Texto original: LUKÁCS, G. “Einleitung”. In: TSCHERNYSCHEWSKIJ, N. G. Tschto Delatj?. Berlin, Aufbau Verlag, 1951.

³ Endereço de email: gphilipson@gmail.com

nas intermediações da Sibéria”. Finalmente, em 1883 foi-lhe permitido estabelecer-se em Astrachan e posteriormente em Saratov, onde morreu em 1889.

1.

Tchernichévski é um revolucionário, e tudo na sua vida e na sua obra está subordinado à revolução. Sua atividade literária é inigualavelmente múltipla, seus artigos estendem-se sobre todas as questões da filosofia, estética, crítica literária, economia e história que eram atuais para o seu tempo. Seu objetivo residia em despertar o povo russo, em prepará-lo para a revolução que se aproximava. Mas, porque escrevia em uma revista que circulava legalmente, ele o fazia apenas de modo conspirativo. Aprendeu a escrever de tal modo que vinha ao seu leitor a essência revolucionária nas insinuações e alusões desapercibidas pela censura. Seus objetivos condicionaram não apenas seu modo de escrever, mas também a escolha dos temas. Tchernichévski utilizava cada possibilidade que se oferecia para levar suas ideias às massas, e por isso evitava frequentemente em seus escritos a formulação indireta; sobre certas questões mantinha-se em silêncio em sinal de protesto, confiando que o público, educado por ele, iria interpretar seu silêncio também política e revolucionariamente. Por outro lado, utilizava cada acontecimento, cada fenômeno literário ou científico, para insuflar suas ideias – didáticas – ao seu público leitor. Apenas nessa unidade a atividade beletrística de Tchernichévski pode ser corretamente avaliada. Começou a escrever romances apenas após ter sido preso. Seu romance: *O que fazer?* foi terminado em abril de 1863. Seus outros romances e contos foram escritos no período em que esteve preso, quando estava sob vigilância duplicada da censura e não tinha nenhuma outra possibilidade de proclamar suas ideias revolucionárias.

Tchernichévski não é, assim, um beletista “por destinação”. Não tivesse sido preso, provavelmente nunca teria escrito romances. Essa é uma situação típica para um revolucionário que prepara ideologicamente a revolução: trata-se aqui tanto do tema como do conteúdo e da forma, evidentemente, uma vez que seus escritos são “textos de ocasião”. Também fica essa dependência da ocasião em nítida oposição ao caráter de ocasião [*Gelegenheitscharakter*] de obras de poetas como Goethe. Em Tchernichévski, a origem de seus escritos nunca é uma experiência pessoal do poeta, o que claramente é o caso até mesmo de Goethe que é provocado muitas vezes por acontecimentos vividos, mas é, ao contrário, o acontecimento que ele quer provocar em uma certa camada de leitores. O motivo comvente desses seus escritos não é a confissão, seu objetivo não é a autoeducação do escritor, mas a pedagogia revolucionária para o povo. O escritor se vê como o organismo de grandes conteúdos sociais, o tornar-se manifesto [*Offenbarwerden*] do personagem acontece nesses escritos apenas involuntariamente. Essa concepção de responsabilidade social produz claramente ainda uma união entre Goethe e escritores do tipo de Tchernichévski, principalmente na medida em que ambas concepções estão em forte oposição ao subjetivismo decadente; a diferença reside nisto: como cada um deles interpretam seus eus escritores em relação a esse papel de transmissores sociais.

Marx e Engels gostavam de comparar Tchernichévski com Diderot e Lessing. Isso porque todos esses pensadores prepararam ideologicamente revoluções

democráticas que tiveram significado histórico mundial. Mas podemos também descobrir em seus comportamentos pessoais certas semelhanças: acima de tudo a universalidade da preparação ideológica. A versatilidade de suas atividades como escritor é condicionada não apenas pela necessidade de sua luta contra a censura, não apenas pela consciência de que todo caminho leva para Roma, quer dizer, para a Revolução, não apenas pela convicção de que a velha ordem está a caminho da revolução em todos os âmbitos como barreira ideológica que se deve destruir, mas mais do que tudo pela relação existente entre a revolução democrática e a reivindicação dos direitos universais do homem. Aqui, naturalmente, a diferença torna-se evidente entre ambas as épocas nas quais esses pensadores atuaram: Lessing e Diderot são o coroamento da tradição da grande revolução burguesa que já havia sido provocada pela Renascença; em Tchernichévski, a oposição socialista contra o capitalismo já possui um papel decisivo.

Essa universalidade constrói a unidade entre as atuações de Tchernichévski na ciência, na publicística e na beletrística. A fronteira entre as áreas individuais difumam-se muito mais claramente do que por exemplo em Goethe; até mesmo por consequência das diferentes interpretações dos “escritos de oportunidade”. A autocrítica, muitas vezes lembrada, de Lessing, a de não se ver como um poeta, é um antecedente. O mesmo salientava Tchernichévski a respeito de si mesmo. Quão autorizada é essa autocrítica? No desenvolver das próximas considerações iremos analisar detalhadamente a essência da personalidade criativa de Tchernichévski. Queremos apenas observar ainda que é muito simples tomar tal expressão ao pé da letra. De fato: se falamos de grandes poetas, tais como Shakespeare ou Goethe, Balzac ou Tolstói, e se os tivermos como única medida, então essa autocrítica parece ser legítima. Mas, como Lessing, do mesmo modo há muitos poetas famosos, já até mesmo canônicos, que em toda sua vida foram exclusivamente poetas e que, no entanto, se distanciavam por demais de Shakespeare. Dissemos: as fronteiras difumam-se, mas isso refere-se acima de tudo à postura literária: onde, como e quando, assumir-se como beletrista e onde, como e quando, como publicista no todo da ocupação do escritor que prepara a revolução. Friedrich Schlegel chamava *Nathan, o sábio* de Lessing de o último número dos panfletos anticlericais de Lessing. Mas o que isso modifica no fato de que *Nathan, o sábio* seja, contudo, uma criação poética por si mesma interessante e significativa que continua atual após quase dois séculos? Pode-se fazer essa mesma questão também em relação aos romances de Tchernichévski, os quais, não tivesse seu autor sido preso, nunca teriam sido escritos.

2.

Tchernichévski é acima de tudo um revolucionário. Na Rússia de meados do século XIX, uma época em que se preparou a grande virada revolucionária, ele representou, com um pequeno punhado de colegas, os princípios da verdadeira atividade revolucionária democrática. O que é essa virada? A Rússia do Tzar Nicolau I que, após 1849, se tornara o “guarda da Europa”, a força líder de toda a reação europeia, o ponto de encontro de uma nova “aliança sagrada”, que desnudou na Guerra da Criméia (1853-56) em toda a sua podridão interna. Ainda mais do que a Inglaterra e a França de Napoleão III – como no seu tempo Marx já indicara – a luta quase não foi conduzida com potência total, suas forças quase não se

concentraram nos pontos mais vulneráveis. O andar inglorioso da Guerra da Criméia significou a bancarrota do absolutismo tzarista sustentado pela servidão da gleba.

Como primeiro ponto na liquidação da bancarrota do estado deveria figurar forçosamente a libertação dos servos da gleba. Na Rússia daquele tempo, todos sabiam que a libertação da servidão era inevitável. A Guerra da Criméia pôs apenas o ponto sobre o i. Embora não houvesse, ao longo do século XIX, nenhuma rebelião camponesa tão potente como as que as precederam por dois séculos (Stenka Rasin, Pugatchov), é fato que houve um aumento constante no número de rebeliões desde os anos 1830. A classe dominante da sociedade russa (nobres proprietários de terra, a classe capitalista emergente, a burocracia tzarista) o sentia igualmente: caso a questão da servidão se mantivesse sem solução, a derrota interna e externa seria inevitável.

O fato da necessidade de libertação dos servos da gleba é, então, incontestável. A questão era apenas a seguinte: como ela será realizada? Os camponeses libertados recebem terras ou não? E se recebem terras, devem pagar por elas? E quanto? Nessas questões concretas materializam-se discussões mais ou menos calorosas sob as diversas classes e camadas, evidentemente cada classe e camada com seus interesses correspondentes. Numa questão, contudo, os dominantes estavam de acordo: o latifúndio feudal não pode nem deve ser liquidado. Ou seja: sem indenização não há nenhuma terra livre para camponeses.

Como democrata revolucionário, Tchernichévski via claramente que apenas a liquidação radical do latifúndio feudal e a distribuição da terra ao campesinato sem compensação poderia levar ao renascimento do povo russo. E, ao mesmo tempo, ele compreendia cada vez mais que essa reivindicação era realizável apenas e unicamente pelo caminho revolucionário. Era essa a revolução que ele preparava; a este objetivo serviam todos os seus escritos.

Tchernichévski era um revolucionário impassível, mas, ao mesmo tempo, um revolucionário sem ilusões. Ele via claramente como o campesinato russo era desorganizado e atrasado, como uma pequena camada de intelectuais se colocava a favor da revolução (embora essa camada crescesse cada vez mais), como também seu modo de pensar estava repleto de resíduos do passado, dos escólios ideológicos da ação revolucionária. (O segundo maior romance de Tchernichévski, o *Prólogo*, é um documento indestrutível desse período).

Para o pensador Tchernichévski a principal tarefa residia em analisar, desvelar e clarificar os fronts reais da vida social russa – ou seja, quem é um real amigo da libertação do povo, quem seu inimigo aberto ou mascarado. Nesse aspecto, a crise suscitada pela libertação dos servos da gleba significou uma mudança na história da ideologia social e política russa. Até então não havia nenhuma dúvida nos amigos do desenvolvimento a respeito de quem era o verdadeiro inimigo: o tzarismo como sistema, os grandes senhores de terra e a burocracia tzarista; e um amigo era aquele que queria formar da Rússia um país desenvolvido e civilizado. Essa era a ideologia dos dezembristas, e essa concepção dominou nos anos 1840. Agora, a situação havia se modificado. A crise da libertação dos servos da gleba significou – o que até então apenas poucos viram, e em certo sentido mesmo Tchernichévski não pode

vê-lo totalmente – que a Rússia a partir de então se colocava na rota do capitalismo. E aqui os caminhos se distanciavam. Segundo a formulação de Lênin, há duas vias para a sociedade capitalista superar o feudalismo: a americana e a prussiana. A primeira significa uma aniquilação radical dos resíduos feudais, a segunda o surgimento conjunto da produção capitalista com mais ou menos resíduos conservados do feudalismo. Naquele momento, ninguém podia naturalmente reconhecer muito claramente este problema, até mesmo Tchernichévski. Mas, se ele não pode ver as condições e conseqüências econômicas e os métodos nascentes das ações, ele sentira a mudança com os instintos seguros de um revolucionário autêntico, vendo como esta se refletia na classe capitalista que estava surgindo, na parte dos senhores de terras e seus equivalentes que, com sua inteligência intrínseca, aderira ao capitalismo. Ele sentia que havia algo em construção a ser pensado, algo que mais tarde Lênin indicou com o “caminho prussiano”: “civilizar” a Rússia, i.e. desenvolvê-la na direção do capitalismo, sem com isso causar uma ruptura revolucionária com o sistema czarista, com a classe reacionária subsidiada pelo czarismo, sem precisar ajustar as contas radicalmente com o sistema feudal dos grandes senhores de terra.

Nessa questão dividia-se, na Rússia, os caminhos do liberalismo e da democracia. Essa é a diferença entre a luta de Tchernichévski e a daqueles dos anos 1840. A luta contra o czarismo intensificava-se dia a dia, pois ela se concretizava, mas a crítica à Rússia atrasada e reacionária se intensificava por meio de uma nova nota: por meio da crítica ideológica ao liberalismo. Esse motivo passava por toda atuação de Tchernichévski, seja na filosofia, na economia, na estética ou na crítica literária, em um romance ou em uma análise histórica. A luta contra a ideologia liberal fez com que Tchernichévski se tornasse o grande professor de uma nova geração revolucionária.

Esse é também o motivo principal da difamação que foi erguida contra ele. Se examinarmos por que a crítica burguesa chama Tchernichévski de um pensador superficial, por que ele supostamente não entende nada de arte, por que ele seria um escritor fraco e por que carece de qualquer força criadora, então nos depararemos em última análise sempre novamente com esses motivos. A crítica inexorável do liberalismo, o desmascaramento inclemente e irônico de suas mentiras e frases: isso significava, aos olhos dos detratores de Tchernichévski, não outra coisa do que o fato de que este não tinha nenhum sentimento para a vida individual, para as “profundezas”, para a “beleza” da vida espiritual. Quanto mais a inteligência burguesa distanciava-se da renovação da vida social, essa profundidade se tornava mais “profunda” para eles, pois tão intensivamente esse distanciamento do lado “conhecido”, “prosaico”, da vida apoia a conciliação com o curso reacionário do desenvolvimento social. Essa conciliação nunca ocorre, naturalmente, de modo intencional, consciente. Mas a covardia com a qual a inteligência burguesa liberal recua da tomada de posição na luta decisiva da vida – obviamente sempre por motivos espiritualmente “sublimes” ou “profundos” –, significa objetivamente apoio de qualquer força que se forma contra a renovação da ordem social. Na análise de uma novela de Turguêniev, Tchernichévski indica o modo magnífico como na história do amor de um jovem russo, em seu comportamento durante uma crise de amor, vêm à luz toda a moralidade que marca a atividade política dos políticos liberais.

Na época de Tchernichévski estava na verdade em surgimento a conceitualização deste desenvolvimento. A ideologia liberal tinha-se ainda por extremamente progressista, até mesmo revolucionária. Mas sua “sabedoria de homens de estado”, seu “sentimento de responsabilidade na *Realpolitik*” era tão grande que, na questão da libertação dos servos da gleba, não apoiavam nenhum outro programa que não *um* que era o ponto final admissível também para a nobreza feudal, para a burocracia czarista. Este novo inimigo era especialmente perigoso, por conta de sua máscara desenvolvimentista, assim como da tradição ainda viva dos anos 1840, quando esses princípios ainda podiam parecer desenvolvimentistas. As tradições dos anos 1840 poderiam, como esse exemplo de Tchernichévski revela, ter se desenvolvido e se tornarem revolucionárias; mas, na sua paralização liberal, tornaram-se obstáculo ao desenvolvimento social e causaram grandes confusões nas alas da inteligência revolucionária. Não é de se espantar que essas questões tivessem se tornado o alvo das polêmicas tchernichevskianas.

O desenvolvimento russo afasta-se também do ocidental na medida em que lhe falta, na etapa de preparação da revolução, a divisão entre democracia e liberalismo. Dado que na Rússia a ideologia liberal (principalmente antes de sua presença no movimento dos trabalhadores, o menschevismo) não obteve resultados, fazendo com que apunhalasse o desenvolvimento revolucionário pelas costas, percebemos a importância histórica da tradição tchernichevskiana. Todos os elementos valiosos dessas tradições foram preservados – após a reelaboração marxista fundamental – por Lênin no movimento dos trabalhadores. Tais tradições democráticas não existem em nenhum outro lugar fora da Rússia; no máximo podemos pensar nas tradições democráticas da Revolução Francesa que estão nos movimentos operários, mas do ponto de vista histórico são necessariamente em um nível bem mais inferior do que as de Tchernichévski.

Naturalmente Tchernichévski, embora fosse um jovem contemporâneo de Marx, não poderia ter se elevado até as alturas da visão de mundo materialista-dialética, nem atingido as alturas do socialismo científico. Pois, na Rússia de Tchernichévski, a compreensão do desenvolvimento dos movimentos operários estava ainda apenas em germinação, de tal modo que ele – embora fosse um observador perspicaz, muitas vezes até mesmo profético dos acontecimentos mundiais – não poderia ter reconhecido os métodos e perspectivas da luta de classes entre burguesia e proletariado segundo sua essência real. Todavia, aproximou-se tanto desse método, dessa perspectiva, quanto seria possível na Rússia dos anos 1850 e 60. Se, então, constatamos que ele não partiu do velho materialismo mecânico no método de sua filosofia e estética e de sua abordagem histórica; que sua perspectiva política não se alçou até o socialismo utópico que este criara com base na situação dos camponeses na Rússia – não diminuimos nem um pouco seu tamanho como revolucionário e como pensador. Apenas constatamos, com isso, que ele era um pensador e revolucionário objetivo e pré-marxista. Mas um dos maiores e dos que mais se aproximou do marxismo.

Assim, a visão de mundo de Tchernichévski é repleta de contradições. Mas as contradições que surgem nesse caso são contradições da vida russa de então: a contraditoriedade da revolução camponesa colocada por si mesma, de uma revolução camponesa que *não mais* podia contar com os plebeus municipais por

conta do comportamento social objetivo, como era o caso em 1793, e onde o proletariado municipal *ainda não* podia ser seu companheiro de armas condutor, como ocorreu em 1917. O tamanho de Tchernichévski como pensador e como revolucionário reside em que ele compreendia a potência dialética a partir desse tecido inextricável de contradições. Pode-se facilmente falar a respeito dos pontos em que suas opiniões são ultrapassadas. Mas, apesar disso, a síntese das contradições tchernichevskianas não é uma mistura eclética de correntes de ideias contraditórias umas em relação às outras, conquanto, ao contrário, um resumo fértil, que aponta para o futuro, de todas as tendências da realidade russa que no período de sua eficácia ainda estavam longes de alcançar algum grau de desenvolvimento existencial, de onde se elevou a genialidade revolucionária de Tchernichévski.

Tchernichévski tentou alcançar uma unidade entre o comportamento revolucionário jacobino e o socialismo utópico. Como sabemos, os grandes representantes do socialismo utópico negavam a justeza e a necessidade da atuação política. Em oposição a eles, Tchernichévski sabia que o povo poderia se libertar apenas por si mesmo, que essa libertação é possível apenas com a derrubada à força da classe dominante, da preparação e organização da revolução. É verdade que essas grandes ideias nunca lhe foram totalmente claras, geralmente atolado, em seus objetivos e métodos, em suas imaginações utópico-socialistas camponesas, mas isso pode atenuar seu significado apenas aos olhos de pessoas que não são capazes de observar historicamente grandes fenômenos históricos.

Devemos também a partir desse ponto de vista julgar o comportamento de Tchernichévski em relação à filosofia do Esclarecimento. Não é nenhum acaso que a resolução do idealismo dialético hegeliano trouxe consigo a renovação do Esclarecimento, a qual deve ser vista como ideologia da preparação da revolução democrática. O que, contudo, na Alemanha apenas era um episódio (Feuerbach) e logo em seguida, por um lado, levou ao materialismo dialético, e por outro, significou um retorno à ideologia reacionária, tornou-se na Rússia um grande e duradouro crescimento do pensamento desenvolvimentista. Esse desenvolvimento atingiu em Tchernichévski seu ponto mais elevado. Naturalmente a renovação do contexto de pensamento do Esclarecimento não significa simplesmente uma repetição; não se trata de fazer epígrafes [*Epigonentum*], nem em Tchernichévski nem muito menos em Feuerbach. A consciência da contraditoriedade da realidade, que surgiu apenas no fim do desenvolvimento no Esclarecimento anterior, e depois, após a Revolução Francesa, nos melhores pensadores, no ponto central de seus métodos – bem, essa consciência da contraditoriedade da realidade não sofreu nenhuma atenuação em Tchernichévski. Sim, isso porque a contradição entre a sociedade burguesa e o socialismo – mesmo que em sua forma utópica – tornou-se a questão fundamental de sua abordagem histórica, e também porque essa perspectiva aguçava enormemente seu sentido político para as oposições internas da sociedade burguesa, de tal modo que fica evidente que a dialética de Tchernichévski se movimentava em um nível bem mais alto do que o do Esclarecimento antigo, até mesmo do que o de Feuerbach.

A nova incorporação dos métodos e problemas esclarecidos expressou-se por meio do pensamento a preparação da revolução democrática, e por isso que

Tchernichévski combateu o obscurantismo ortodoxo do absolutismo tzarista com a mesma ironia brilhante e com o mesmo ódio ardente como Holbach⁴ ou Helvetius em seus tempos o fizeram em relação ao obscurantismo católico do absolutismo dos Bourbons. Tanto aqui como ali se confiou, nessa batalha contra um sistema, cuja mera existência era a negação da razão, do entendimento e da humanidade, na força irresistivelmente destruidora e formadora da razão. Tanto aqui como ali, a busca do novo homem mostrou-se a caminho da razão, a cultura da invencibilidade da razão se pôs manifesta: a busca do novo homem que não mais está atado pelas uniões irracionais, que destilam a humanidade, deformantes e degradantes da velha sociedade de velha moral. Esse novo homem pela sua própria força – com a ajuda da razão que investiga tudo – constrói novamente o mundo e com ele também o próprio homem se reconstrói.

Mas, tanto aqui como ali, aparece no culto da razão também a debilidade do modo de pensar condicionado historicamente: no jeito como se entende o que seja quebrar as convenções, na teoria do “egoísmo racional”, na tendência para a elevação da consciência [*Bewusstseins-Erheben*] do homem, na maneira como defende seus próprios interesses, no caminho para a libertação do pensamento, para a libertação dos laços – inibidores do desenvolvimento – da moral, da humanidade e da sociedade. Uma das tarefas ideológicas mais importantes do Esclarecimento foi o desmascaramento de todo comportamento equivocado objetivamente que tenha sido deformado subjetivamente até a hipocrisia e com cuja ajuda procurou conferir uma universalidade social, uma força obrigatória universal, ao feudalismo decadente e ao absolutismo prescrito do comércio humano e à moral. A doutrina do “egoísmo racional”, que viu o motor decisivo de seus argumentos na apologia dos interesses tomados como corretos do homem, era, portanto, acima de tudo, uma constatação dos fatos: a descrição relativamente correta dos argumentos do indivíduo na sociedade de classes. Com isso, ela mostrou, contudo, não apenas o vazio e a falsidade da moral no absolutismo semifeudal, mas igualmente também a psicologia social do novo homem no capitalismo surgente.

Essa doutrina surgiu, no entanto, também junto com a pretensão de uma nova ética; não apenas no antigo Esclarecimento, mas também em Feuerbach e ainda mais em Tchernichévski. O antigo Esclarecimento que via como objeto vivo na sua frente apenas a sociedade capitalista surgente – cujo novo homem era apenas aquele homem que havia triunfado sobre as ruínas feudais transformando-as em uma sociedade burguesa conquistadora – deveria, por isso, se desenvolver, caso seu humanismo quisesse se elevar sobre as barreiras humanas e limitadoras que, com o capitalismo, sempre acabam se formando. Essas contradições não podiam, contudo, naquele tempo, terem sido formuladas, pois, para o velho Esclarecimento, a sociedade burguesa conquistadora – como notou perspicazmente Engels – podia ser a vivência ilusória do “reino da razão”; apenas a vitória da grande Revolução Francesa fez com que ficasse claro que o “reino da razão” não é outra coisa na realidade social senão o reino da burguesia.

Feuerbach viveu já em um período bem distinto do da grande Revolução Francesa. Para ele, portanto, abriram-se as perspectivas que apontavam para além da

⁴N. do T.: Barão d'Holbach (1723 – 1789), importante nome do Iluminismo francês.

sociedade burguesa, ao menos como possibilidade, ao menos na forma do socialismo utópico. Também para ele a contradição manteve-se insuperável, pois apenas o materialismo histórico pode, por uma superação crítica do socialismo utópico, formular cientificamente a dialética entre o indivíduo e o interesse social, que pode decidir o lugar verdadeiro do interesse individual dentro do sistema como um todo da atividade humana; apesar disso, Feuerbach pode alcançar ao menos até mesmo certa noção do problema. Formulou a essência do “egoísmo racional” do seguinte modo: “Sob egoísmo compreendo não o egoísmo do 'filisteu e do burguês', mas o princípio filosófico da conformidade com a natureza, com a razão humana, contra 'a hipocrisia teológica, a fantasia especulativa e religiosa, o despotismo político’”. E em outro lugar de modo ainda mais claro:

Onde se inicia na história uma nova época? Sobretudo ali onde, contra o egoísmo exclusivo de uma nação ou casta, invoca o egoísmo totalmente legítimo de uma massa ou maioria reprimida, onde classes de homens ou nações inteiras vêm à luz da celebridade histórica, oriundos da obscuridade desprezível do proletariado pelo triunfo sobre a obscuridade prepotente de uma minoridade patricia. Desse modo, o egoísmo da maioria reprimida da humanidade deve e irá chegar a seus direitos e fundar uma nova época histórica.

Lênin viu em Feuerbach um ponto de partida do materialismo histórico e pensou – não por acaso – também em Tchernichévski.

O próprio Tchernichévski colocou as questões a respeito dos problemas sociais e históricos não apenas de modo bem mais concreto do que Feuerbach, como chegou muito mais próximo do modo dialético de colocar questões – em consequência de sua grande concretude social –, mesmo que não tenha sido capaz de realizá-lo também cientificamente. Já que o “egoísmo racional” é um ponto central ideal de seu romance, iremos nos dedicar à sua postura apenas quando desenvolvermos a análise deste.

3.

A problemática central do romance de Tchernichévski é o novo homem. A “oportunidade” de escrever esse romance deixa-se facilmente compreender: Tchernichévski sumiu do palco da luta política corpo a corpo que teve que travar com a censura e na qual procurou veicular o máximo possível os dizeres revolucionários dentro da verdade que ela legalmente o permitia: estava na prisão. Se esperava então que a crise revolucionária o levaria logo à libertação (o fim do romance poderia ser um indício disto), ou se já então estava resignado em relação ao seu destino pessoal, não importa: sob tais circunstâncias deveria, caso quisesse se fazer ouvido, modificar suas armas. Geralmente é possível encontrar alusões e indicações para os acontecimentos do dia entre as linhas dos escritos teóricos que ele compôs em liberdade; também seus temas estão relacionados a eles e, embora sejam muitas vezes abstratos, encontram-se, contudo, nas páginas imediatamente sociais e, portanto, políticas da transformação social. Essa atividade política estava já impedida na prisão preventiva. O romance, porém – justamente porque espelha

de modo imediato a vida cotidiana dos homens, justamente porque representa as relações sociais por meio dos comportamentos que se passam entre os homens individuais –, pode se permitir deixar que intuissem as questões atuais da transformação social por meios bem mais complexos. Para poder realizar, assim, sob as circunstâncias que se alteraram adversamente, sua meta permanente, ou seja, para enviar ao público escritos revolucionários que fossem permitidos pela censura, pareceu-lhe que o romance era o melhor modo de fazê-lo.

Para essa possibilidade de publicidade, Tchernichévski fez tudo o que estava em seu poder. Esboçou em todos os detalhes uma imagem social verdadeira que, embora tornasse visível toda a miséria social e toda a obscuridade ideológica da Rússia czarista, se calava a respeito da atividade dos aparatos repressores. (O leitor compreende o motivo desse silêncio). Desse modo fora possível, por exemplo, que a heroína do romance construísse uma oficina a partir de uma base cooperativa; ela prospera, formam-se instituições paralelas sem que a polícia czarista mova nem ao menos um dedo. Por outro lado, Tchernichévski gera toda uma paixão polêmica – ali onde vêm à palavra no romance como autor – contra a forma convencional do romance, contra a estética habitual, contra o gosto do leitor literarizante [*schöngeistigen*] e estetizante. O leitor superficial, o não perito, poderia pensar que essa luta literária define a forma do romance, que justamente ela – ao lado da questão individual moral que se constitui do objeto do romance – forma o solo principal de ideias do romance.

Tudo isso é, contudo, apenas um meio para tornar a publicação possível, e está bem distante de seus pensamentos fundantes, seja quanto ao conteúdo seja quanto à forma. Mas também aqui podemos ver que Tchernichévski é um escritor autêntico, mesmo que não se tivesse por um beletrista, mesmo que, do ponto de vista biográfico, sua atividade como escritor de romances tivesse sido forçada por conta do encarceramento. Mas é claro que ele é um escritor, pois, na medida em que seus modos de se expressar são ditados pela necessidade que vem de si mesmo, eles fazem com que suas personagens transformem-se em personagens com conteúdo concreto, isto é, em personagens autenticamente literárias e estéticas, e não em embutidos e ingredientes que são estranhos à obra. É também desse modo que se dão ambos os casos mencionados: no silenciar a respeito dos aparatos repressores, no ponto central aparente das questões estéticas, na luta contra a convenção, etc. Ambos representam uma tentativa de mascarar o conteúdo proibido do romance – o conteúdo político apenas indicado mediatamente – frente à censura. São formas de expressão do novo objetivo literário de Tchernichévski: a representação do novo homem.

Mesmo quando a mudança de Tchernichévski para a ficção pelabeletrística tenha sido ditada por circunstâncias exteriores, a essência de sua nova forma não é apenas a continuação direta de sua atividade literária antiga, como também aparece igualmente em uma forma completamente nova. Até então, Tchernichévski havia mostrado nas diversas áreas da atividade humana (na área da história, da economia, da estética, etc.) onde se separava o velho do novo, assim como o novo lutava com o velho. Agora, ele representa o mesmo processo para nós, os mesmos conflitos, em tipos humanos.

Essa força restringe o pano de fundo e o mundo total das relações concretas. Todavia, Tchernichévski utiliza essa força para colocar à frente de nós de modo mais rico, plástico e claro o núcleo humano dos conflitos sociais que aqui resultam. E porque Tchernichévski vê socialmente cada homem e cada relação humana segundo sua natureza, ocorre que a desconexão forçosa das relações importantes individuais a partir do mundo representado não produz nenhuma distorção nem dos tipos humanos, nem de suas relações, como é o caso em muitos outros escritores, cuja visão de mundo originária exige a abstração dessas relações – naturalmente por causas sociais. Sim, poderíamos dizer que Tchernichévski, na medida em que desvincula a abordagem de nível político do novo homem de sua representação, ganha a possibilidade de desenvolver, em toda sua claridade, o lado humano e moral desse tipo social.

A atmosfera do romance conserva, com isso – e não por acaso –, até certo grau um caráter utópico. Assim como aparecem no sonho da heroína do romance *Phalanstère* de Fourier, as oficinas cooperativas portam um caráter utópico ao estilo de Louis Blanc e Lassalle. Isso, contudo, vai ainda mais longe: também as manifestações morais do novo homem a respeito da importante questão da vida privada lembram-nos o método do socialismo utópico, já que sua essência consiste na transformação da sociedade por meio da exemplificação social. Isso faz com que a tipologia dos personagens se reduza em alguma medida. Restou, portanto, ao novo homem, à massa russa que acordava para a vida, a prova de fogo de sua nova humanidade na luta real contra o tzarismo. Os lugares de combate nos quais o novo homem pode mostrar sua nova essência verdadeira e também por muitas décadas ainda o mostrou, em que ocorria o surgimento da consciência na massa atrasada, eram, contudo, a luta de guerrilha contra a censura, contra a polícia, a força, o cárcere e a Sibéria. O fundamento social do surgimento do novo homem fez com que junto da dinâmica natural das tramas da vida se formasse na literatura o herói ilegal. (Iremos ver mais tarde como Tchernichévski corrige no decorrer da representação essa carência de seu objeto e de seu método).

Essa representação do homem em luta ilegal era, no desenvolvimento da literatura russa, o caminho natural para a representação do novo homem. Começado pela primeira tentativa de Turguéniev, passando pela *Resurreição* de Tolstói até Gorki. De fato, para Tchernichévski, cuja personalidade representava justamente o primeiro grande promulgador desse tipo humano, esse caminho estava fechado. Mas essa solução de emergência que forçou as relações e consolidara elementos de determinada visão de mundo (o socialismo utópico), tornou-se para o romance de Tchernichévski também uma fonte de grande qualidade literária. Já Tolstói havia indicado, e Gorki o fez posteriormente de modo ainda mais expresso, quais possibilidades humanas maravilhosas realizam-se e se desenvolvem nas lutas revolucionárias e como essa pureza moral, esse heroísmo, se reflete nas relações puramente humanas. Como Tchernichévski fora forçado a se restringir quase exclusivamente à representação dessas relações humanas, acabou traçando um quadro mais total e completo da essência do novo homem do que era possível para a literatura anterior – isso por conta das circunstâncias de vida na representação literária da abordagem social mais realista. Repetimos: desse modo surge nele uma realidade utópica em muitos pontos. Mas, como realçou Lênin, após a vitória da revolução, em relação aos grandes utopistas, uma utopia do tipo clássico já contém

muitas determinações decisivamente importantes do desenvolvimento futuro, e sua verdade interna não é quebrada com isso, já que a luta de classe impulsiona necessariamente o utopismo malgrado seus métodos.

E como já indicamos quando tratamos da visão de mundo política de Tchernichévski, suas opiniões divergiam daquelas de Fourier e de Owen, já que não queria excluir, como estes o faziam, na realização de suas (claro que em muitos aspectos utópicas) imaginações sociais, a luta política; pelo contrário, tinha como possível a sua realização apenas através do caminho da revolução do povo. Essas discrepâncias importantes de visão de mundo incidem sobre a própria obra: embora os personagens principais do romance tchernichevskiano realizam o novo homem apenas em suas vidas privadas, estão impregnadas com a visão de mundo, com a reivindicação do ser humano, e com o comportamento moral de seu autor, que são a compreensão da necessidade de luta, das reivindicações heroicas dessa luta. Desse modo, aproxima-se necessariamente esses traços humanos na vida espiritual do herói, aqueles que andam às voltas com a problemática da vida privada. Sendo assim, esse romance fora criado para se tornar revolucionário, apesar de sua temática imediata colorida de modo utópico justamente pelos educadores morais e humanos das gerações de revolucionários russos, assim como os romances de Rousseau, no século XVIII, educaram Marat e Robespierre.

Posto isso, o romance de Tchernichévski trata da questão da vida privada. Duas grandes questões formam o núcleo da trama. Primeiro, as forças inibidoras das relações familiares burguesas e pequeno burguesas no desenvolvimento do homem e a vitória sobre elas. Segundo, a problemática do matrimônio, as inibições internas e externas de um novo amor que nele emergem e a superação desse conflito. Não é por acaso que, em ambos os casos, e isso será ainda ressaltado no decorrer do romance por algumas revelações em paralelo, uma personagem feminina está no centro da trama. Como o companheiro de luta de Tchernichévski, Dobroliubov, em sua crítica literária já indicara inúmeras vezes, este é um tratamento comum realizado pelo romance russo da época (Gontcharov, Turguêniev). É claro que em Tchernichévski trata-se de algo bem diferente do que em seus contemporâneos burgueses eminentes. Segundo Dobroliubov, esses últimos queriam mostrar no tipo masculino da classe dominante a incapacidade de comercializar, ao contrário da grande capacidade de decisão e superioridade moral da heroína. Em Tchernichévski não são esses fracos e essas instabilidades do personagem masculino que estão em questão. A posição central da mulher surge nele justamente da circunstância de que a mulher, sob o personagem burguês e pequeno burguês, tanto na família como no matrimônio, é o tipicamente reprimido. É que o destino da mulher revela as tendências de exploração e repressão de qualquer sociedade, uma vez que as possibilidades e caminhos de sua libertação indicam mais claramente em qual e em que medida chegou o nível de uma transformação social. Essa concepção de Tchernichévski vai ao encontro das imaginações sociais de Fourier.

4.

A concepção de Tchernichévski do “egoísmo racional” adquire, na representação dos conflitos, primeiramente, uma forma concreta, e, em segundo lugar, ela eleva a polêmica constante contra a estética tradicional até um significado novo e positivo.

Começamos com o último. A literatura burguesa e sua análise crítica e estética interpretam tais conflitos de modo puramente individual, psicológico. Por um lado, querem a universalidade social, e deixam de ver sua relação necessária com a estrutura da sociedade burguesa; daí que precisem pôr em evidência o exterior dos problemas individuais psicológicos. Por outro, querem ainda menos reconhecer que em geral esses conflitos, em consequência da essência da sociedade burguesa, necessariamente devem terminar com o perecimento da mulher, com sua degradação humana e moral. A beletrística burguesa, sua estética e crítica, que formam a principal corrente ideológica da literatura, promovem, portanto, – consciente ou inconscientemente – a representação de homens e relações humanas respectivas a eles, de modo que desvanecem as próprias determinações sociais, borram qualquer saída social para os conflitos, resolvendo-os de modo puramente psicológico (falseador social) e ainda achando ser esta a única solução “artística” possível para eles. Assim, se Tchernichévski luta, com seus constantes autocomentários irônicos entrelaçados na trama de seu romance contra tal beletrística e estética, fornece uma crítica da literatura e teoria literária que igualmente distorce a realidade e, portanto, que também é distorcida artisticamente. Na medida em que sempre confronta sua própria representação do homem e dos acontecimentos com a expectativa, a imaginação e o juízo “estético” de certo leitor, é que ele é capaz de interpretar, em um novo âmbito, a velha luta pela unidade da vida e da arte. Isso graças ao grande princípio de que apenas o reflexo poético correto das determinações decisivas da vida social, sua representação fiel à realidade, pode levar a uma arte autêntica.

O que nós até agora caracterizamos abstratamente é expresso de forma bem mais concreta no romance: como polêmica poética contra a tragédia, contra a interpretação de que os conflitos – que aparecem na sociedade burguesa de modo mais ou menos habitual na forma trágica – são, segundo sua essência, trágicos. O centro principal dessa polêmica construtiva é o novo tipo de representação do homem e dos seus destinos como o personagem adequado para a formação do novo homem, e as fontes de ideologias, criadoras de humanos, dessa polêmica, são o “egoísmo racional”.

A negação da tragédia e da teoria tradicional do trágico esteve presente desde o começo como um ponto essencial da estética tchernichévskiana. O trágico não é para ele nada outro do que o terrível na vida humana. Nesse contexto, nós não podemos nem mesmo esboçar rapidamente os longos debates desencadeados a respeito dessa teoria. (Plechanov, por exemplo, criticou fortemente Tchernichévski, enquanto, por outro lado, Lunacharski defendeu-o energicamente). Quanto a isso, basta indicar que Tchernichévski não defendeu que a tragédia que emerge no decorrer habitual da vida burguesa fosse necessariamente imprescindível. Também não aceitou a tese da literatura e estética burguesa que professa que a fundamentação psicológica da tragédia, a evidência de sua necessidade, a elevação trágica que resulta na vivência dessa necessidade corresponda à essência verdadeira da vida e, portanto, que seria apta a servir como base fundamental da definição estética da tragédia.

O papel poético e de visão de mundo do “egoísmo racional” reside justamente na possibilidade de se demonstrar que os conflitos tidos por trágicos pela estética

burguesa – ou seja, a situação da mulher na família, o conflito do casal e o amor – não têm solução unicamente dada a inferioridade espiritual e moral do tipo humano da velha sociedade. O novo homem pode resolver, sem enredo trágico e catástrofes, conflitos humanos semelhantes com o seu “egoísmo racional”, o que torna evidente sua superioridade espiritual e moral. Isso significa que não existe nenhuma tragédia, na medida em que o homem agir no espírito do “egoísmo racional”, na medida em que ele, com consciência límpida, examina seus próprios interesses (e produz uma organização racional deles), na medida em que ele, sem qualquer ilusão, sem qualquer fetiche, observa suas relações internas e externas. Mais corretamente: todo e qualquer conflito trágico que a estrutura social burguesa e a psicologia, moral, etc., que cresce nela, produz, não é de maneira nenhuma natureza “humana universal” (e não têm, portanto, nenhuma validade eterna). Elas são apenas formas de aparência da inumanidade, da estreiteza de espírito da sociedade burguesa, não sendo, assim, de modo algum definitivos, mas podem e devem ser superados.

Uma vez que essa superação, tendo como fundamento o “egoísmo racional”, pode acontecer apenas em linha ideológica, principalmente moral, devem se misturar novamente elementos utópicos na representação humana e do seu destino. Mas aquilo que na relação econômica e social era radicalmente falso no socialismo utópico (o papel exemplar da *phalanstère* de Fourier, e as oficinas cooperativas da heroína aqui) possui, no âmbito moral, sua legitimidade social relativa. Primeiro, vista socialmente, a possibilidade puramente individual de uma solução individual não é inessencial. Essa possibilidade é sempre característica da estrutura e do ciclo de desenvolvimento de uma sociedade. Segundo, o efeito educativo da exemplaridade individual pertence à estrutura do desenvolvimento social, e é um momento essencial para o fator subjetivo desse desenvolvimento, principalmente quando, como aqui, ela é ao mesmo tempo um sistema objetivo de alguma grande crise social.

A luta de Tchernichévski contra a solução trágica a todo custo dos conflitos trágicos é, portanto, uma luta social, uma luta contra uma certa moral social. Aqui, as tradições do esclarecimento possuem igualmente um papel. Em primeira linha deve ser mencionado Lessing. Tchernichévski o estudou de modo detalhado, escreveu inclusive um livro sobre ele. Mas se nessas questões ideológicas importantes, falamos sobre a consonância entre esses dois pensadores, não se trata de qualquer tipo de influência histórica-literária. O modo parecido de formular as questões foi causado espontaneamente em ambos pela semelhança das exigências de seus tempos; e suas diferenças têm origem igualmente na tarefa diversa de cada período e desenvolvimento nacional diverso.

A luta contra a tragédia acompanha toda a atividade dramática de Lessing. É indiferente se lemos *Minna von Barnhelm* ou *Nathan, o sábio*; em ambos estamos diante de conflitos que foram levados, com uma necessidade espontânea, a uma solução trágica, devido a relações sociais e ideológicas da época de Lessing (pensamos principalmente no fanatismo religioso em *Nathan, o sábio*), mas que em Lessing se solucionam “por si mesmas”, quando analisados pela razão esclarecida, quando se encontra um homem, no qual essa razão esclarecida, esse “egoísmo racional”, consolida uma relação humana, social e moral de modo consequente.

Quão pouco se trata aqui de uma influência da história da literatura é Bernard Shaw, um dos mais conhecidos dramaturgos de nosso tempo, uma testemunha viva. Shaw coloca a questão de Lessing e de Tchernichévski no centro de sua produção, embora seja questionável quanto ele estudara a atividade dramática de Lessing e seja possível quase com certeza ter em conta que Tchernichévski praticamente não possui papel nenhum na constituição de sua visão de mundo. Damos crédito aqui novamente à polêmica de Shaw contra a resolução trágica. É desnecessário falar dessa polêmica de modo detalhado: todos a conhecem. Deve-se apenas mencionar que a luta de Shaw contra a tragédia – essa é a influência do período imperialista também sobre um escritor tão eminente como Shaw – nem sempre está livre de elementos moralistas-niilistas, em parte mistificantes, os quais faltam completamente nos clássicos do esclarecimento em Lessing e Tchernichévski.

Com uma franqueza irônica tão característica, Shaw manifesta toda relação estética que pode ser encontrada tanto em Lessing como também em Tchernichévski. A forma estética da tragédia solúvel e dissolúvel aproxima-se em certo aspecto do melodrama. Essa constatação não é plenamente um “paradoxo espirituoso” shawiano. Nós encontramos esse fato estético também em Lessing e Tchernichévski, que são maiores do que Shaw, pois mais profundos e sérios do que ele. Lancemos um olhar para a estrutura e enredo de *Nathan, o sábio*: encontramos aqui uma grande sucessão de enredos aventurecos-fantásticos, interna e externamente inverossímeis – e por qual razão? Por um lado, porque, com isso, a contraposição estética é criada entre a prosa desilusionista saudável socialmente do “egoísmo racional” e a pseudopoesia de falsas elevações de fervores passionais antiquados; a polêmica do esclarecimento orienta-se justamente para rebaixar sobre a Terra tudo aquilo que a ideologia burguesa (em Lessing a feudal) “idolatrava” de modo falso, hipócrita e fetichizado. A essência dessa polêmica é justamente a tradução em prosa, o desmascaramento de pseudoconflitos por meio de expressões prosaicas da essência humana. Por outro lado, a agudização do enredo em melodrama é necessária, pois a verdadeira tragédia sempre é um caso extremo. A batalha ideal entre a tragédia pode ser, então, esteticamente efetiva apenas quando ela dissolve em seu extremo a necessidade, que aqui acabou por ser falsa, do trágico. Precisamente no caso extremo cria-se a possibilidade estética que no trágico tende a se desenvolver e se transformar em caricatura, autoironia e autodissolução.

O romance de Tchernichévski está construído sobre uma autoironia polêmica. Seu início: um suicídio romanticamente enigmático. No decorrer do romance todo o enigma do suicídio é resolvido. Lopuchov salvou Vera, a heroína do romance, da tirania pequeno burguesa e egoísta de sua família. Mas o casamento do salvador com a salvada mostra-se irrealizável de imediato, apesar de toda simpatia humana que eles sentem um pelo outro. Vera está apaixonada pelo melhor amigo de Lopuchov, Kirsanov, a quem desde o começo ela havia amado e que, no entanto, para se resguardar da amizade com Lopuchov e Vera forçou-se a destruir a sua paixão. No auge do conflito, ficamos sabendo que a catástrofe relatada no início do romance, o suicídio de Lopuchov, era uma comédia. Lopuchov atua nessa comédia de seu suicídio para retirar do caminho a barreira que impedia o casamento entre Kirsanov e Vera. Após a comédia do suicídio, ele desaparece no exterior e volta – sob um pseudônimo, como estrangeiro – apenas quando Kirsanov e Vera já vivem em um casamento feliz. Ele também encontra sua parceira, e desse momento em

diante os quatro vivem em estreita amizade. É claro: todo esse enredo é uma paródia. Mas que essa paródia estética é acima de tudo uma moral, fica ainda mais evidente do que antes estava em Lessing e em nossos dias em Shaw. O sentido da paródia está em que uma resolução trágica de um conflito trágico desse tipo se realiza apenas por meio da inferioridade moral e intelectual das personagens.

Desse modo, o “egoísmo racional” aparece como fundamento moral das novas instituições humanas. Mas, então, surge a questão: se a compreensão clara dos interesses individuais é o único fundamento possível do enredo racional, aquele que supera a tragédia, então onde o egoísmo brutal do filisteu e capitalista médio se difere da nova moral do “egoísmo racional”? Tchernichévski responde a esta questão com os meios da representação literária e não com preceitos ideológicos. Uma das figuras de episódio mais importantes e mais bem caracterizadas de seu romance é a mãe pequeno burguesa, corrupta e pervertida de Vera. A situação cômica surge do fato de que ela gostava extremamente de Lopuchov, ela, com suas intuições, tanto quanto era capaz de compreendê-lo, estava totalmente de acordo com o “egoísmo racional” que tinha por saudável e educado e lhe parecia em oposição à sua filha a quem via como sendo uma romântica irracional. O efeito humorístico, paródico, surge apenas no fato de que parecia reinar uma grande consonância entre a mãe de Vera e Lopuchov nas palavras e nas opiniões impressas por meio delas, mas, apesar disso, cada palavra em Lopuchov possuía um outro sentido humano, moral e social do que no egoísmo pequeno burguês da velha mulher. E, porque os humanos correspondem às suas convicções verdadeiras, a mãe de Vera fica profundamente decepcionada no momento em que Vera afirma estar de acordo com Lopuchov quando este a liberta da tirania pequeno burguesa de sua família através do rapto e do casamento.

5.

Mas a delimitação do “egoísmo racional” não pode ser vista somente de cima para baixo, em relação ao egoísmo filisteu, mas também de baixo para cima. A seguinte questão emerge e deve emergir justamente entre os revolucionários: como a alteridade, a humanidade, e até mesmo o auto sacrifício funcionam e se relacionam nas atividades humanas tendo como base o “egoísmo racional”? A questão é relativamente fácil no que diz respeito à infância de Vera. “Eu sou feliz” significa: “eu gostaria que todos o fossem”. A questão, em Kirsakov, na época de seus conflitos internos, é um pouco mais complicada. Nesse momento ele faz a seguinte observação: “agir honestamente significa que se englobe tudo e que se confira se você não se equivocou: acima de tudo, no entanto, que se mantenha sempre a soma nos olhos e considere que ela é maior do que uma única aposta, quer dizer, a humanidade deve atuar mais forte e potentemente do que qualquer impulso individual. Dê mais preferência, portanto, quando nascer um conflito, à sua natureza integral do que a de um impulso individual. Essa é a sabedoria de vida, para dizer em duas palavras: agir honestamente”.

Aqui – no âmbito da vida privada –, a dialética do “egoísmo” já se torna clara. Pois nele o comportamento indicado é apenas aparente, um quantitativo, reside apenas em uma ideia de Kirsakov (e talvez também na teoria abstrata do conhecimento de Tchernichévski). Tão logo nós confrontemos o todo da vida humana, seus

momentos determinados em que todos os homens constantemente definem toda a essência humana com os momentos fugazes da vida, modifica-se automaticamente o conceito de egoísmo, ele não fica mais idêntico com o conceito que nós encontramos na questão acima colocada da vida cotidiana. Essa confrontação vincula essencialmente o egoísmo com o processo da vida e do desenvolvimento social, o qual é vivo e enredado infinitamente de modo dialético: sem se desatar da vida imediata do indivíduo, sem (como entre os idealistas) solidificarem em dever que se opõe à vida, o egoísmo mostra-se, todavia, acima do puro e imediato individual, do médio cotidiano da vida individual. E quando no tempo da tomada de poder da burguesia na Inglaterra a “filosofia do individualismo” de fato se quantificou (Bentham, Mill), ela submergiu sob um filisteísmo banal. Esse foi também, tal como Engels indicou, o destino da moral feuerbachiana, embora ele às vezes tenha dito que o “egoísmo racional” preservaria um conteúdo concreto, um sentido real; apenas nisto, apenas nessa luta pode se realizar o “egoísmo racional” dos grandes iluministas.

Essa luta mesma não era visível para Tchernichévski – como nós vimos –, graças às circunstâncias nas quais escrevera esse romance. Tchernichévski teve que deslocar sua narrativa sobre o novo homem para outras redondezas, teve que deixar passar no meio de acontecimentos que tornavam impossível acomodar em seu romance tal cume da dialética do “egoísmo racional” que também esclarece as relações reais para cima.

Ele cria esses pontos culminantes na figura de Rachmetov. Nele, utiliza também as armas da polêmica literária para enfraquecer (contra a censura) e ao mesmo tempo deixar claro (para os leitores) o significado do aparecimento dessa figura. A polêmica literária gira em torno do porquê, do ponto de vista do enredo estético convencional, a figura episódica de Rachmetov seja tão superficial. Por que, portanto, Tchernichévski deixou-a assim? Por que ele descreve tão largamente seu papel episódico? Por isto, diz ele, porque as figuras de Lopuchov, de Kirsakov, de Vera, etc., são apenas de homens honrados, morais, no entanto, são medianos, e sabem disso até mesmo por si mesmos. Obviamente esse mediano era no tempo de Tchernichévski, visto de modo socialmente objetivo, nem um pouco mediano, uma vez que todas essas figuras eram os que podiam viver do melhor modo possível naquela época. Isso traz em seu bojo o perigo de que se desloque as relações proporcionais, fazendo com que os leitores percam o padrão em relação aos heróis medianos honrados. Por isso, Tchernichévski diz, quando Rachmetov aparece: “Quem não viu melhores moradias em sua vida do que choupanas de argila irá achar que uma casa comum que ele vê representada em uma imagem é um palácio. O que se deve fazer para que a casa pareça a ele apenas como uma casa e não como um palácio? Deve-se na mesma imagem desenhar ao menos os cantos de um palácio: a partir desses cantos ele irá reconhecer que um palácio está construído totalmente em uma outra medida do que a construção representada, que essa construção não é maior do que uma casa comum...”. Essa proporção, essa medida correta é produzida, no romance, pela figura de Rachmetov. Ela é uma figura episódica, pois basta a ela aparecer apenas uma vez para fazer essa diferença explícita. Mas, mais do que sua aparição única, ela é também necessária. (É característico que Tchernichévski, que conduziu uma luta tão intensa contra as convenções estéticas burguesas medianas, aqui tenha seguido inteiramente a

tradição do grande período do realismo. O modo como a figura de Rachmetov é introduzida em seu romance corresponde completamente àquela análise que Balzac faz a respeito do aparecimento do grande herói histórico e de seu papel em Walter Scott).

O modo como Tchernichévski deixa com que essa figura apareça recorda igualmente o modo de composição de Walter Scott. Assim como nas grandes figuras históricas de Walter Scott, o aparecimento único de Rachmetov indica o ponto de virada dramático do romance. Isso acontece no momento em que Vera recebe o aviso do suicídio de Lopuchov, sem ter noção da situação real. Ela fica obviamente desmaiada, é torturada por autorreprovações e cargas de consciência, e quer renunciar ao seu amor por Kirsanov. O papel de Rachmetov consiste não apenas em deixá-la a par dos fatos realmente acontecidos, mas também em dar um prumo à sua vida futura. Nessa conversa, resplandecem as características humanas de Rachmetov: energia imperturbável, uma grande determinação moral e teórica, e, unido e indissociável desta, um calor humano, compreensão aguda das fraquezas e oscilações dos homens honestos. Mas essa compreensão nunca enfraquece a determinação de seu aparecimento. Quando Vera está totalmente desesperada e pensa apenas em suas angústias, Rachmetov provoca uma mudança moral em Vera precisamente ao direcionar a sua atenção aos assuntos públicos: ele mostra a Vera a parcela de sua vida e de seu trabalho que é doada ao bem-estar público, o dever que dela se segue, cuja realização é também o interesse individual de Vera justamente na base do “egoísmo racional”.

Desse modo se acaba, nessa conversa dramática, a dialética dessa concepção mundana em seu mais alto nível. Rachmetov é um revolucionário, ele vive exclusivamente para a revolução; obviamente essa parte de sua vida deve ser descrita como “conspirativa”, mas de tal modo que isto seja compreensível apenas para o leitor, e não para a censura. A conduta de vida de Rachmetov é marcada pela ascese, pelo sacrifício de sua própria vida e felicidade – justamente na base do “egoísmo racional”. O mesmo problema, como é possível deduzir do “egoísmo racional” o heróico autossacrifício, emerge já em Holbach e Helvetius. Tchernichévski está também ocupado com essa questão já desde muito tempo sem que nenhum deles tenha encontrado uma solução satisfatória. Isso porque, no âmbito da discussão teórica, as debilidades das teorias sempre vêm à tona: sua origem burguesa, sua base construída a partir do interesse do indivíduo que se insere na vida da comunidade apenas a partir do egoísmo. Aqui, não é possível encontrar uma ligação teórica satisfatória. Pois a concepção individualista do homem encontra o conceito de interesse inseparável do egoísmo individual; pois apenas quando se tornar teoricamente claro que o homem é eminentemente uma essência social que encontra a estrutura da sociedade com fios intrincados nas diversas comunidades, apenas quando nessa base o significado do interesse de classe se tornar claro como um interesse, é que é possível dialeticamente, sempre e de modo inseparável individual e socialmente, apenas quando se tornar claro por essa razão que a realização do indivíduo e com ela os interesses individuais será possível exclusivamente por meio da libertação das classes, apenas então é que se torna possível que o problema seja solucionado de modo teórico.

Essa solução é apenas possível para a visão de mundo socialista, na qual os interesses da libertação da classe trabalhadora coincidem com a libertação dos homens. A visão de mundo socialista pode, por conta disto, tendo como fundamento uma dialética consequente, acima de tudo conjugar os interesses individuais e os sociais uns com os outros, na medida em que eles conservam tudo dos primeiros que neles está correto, pois pelo egoísmo, os interesses comuns do indivíduo e da sociedade são fortalecidos. É por isso que ele pode indicar como o interesse individual corretamente interpretado está estreitamente interligado com a vida social. Esta situação fica ainda mais clara com o conhecimento da visão de mundo socialista, o fato de que o homem é de modo primário uma essência social: a consciência desse fato, a predestinação [*Berufenheit*] histórico-mundana, torna compreensível também de modo teórico como a virtude revolucionária de se suicidar se torna a realização da própria vida individual. Tudo isso pode ter como fruto somente a visão de mundo do proletariado. Pois apenas nela coincide teórica e praticamente a libertação de classes com a libertação do homem – e com esta a libertação de cada um dos homens.

Essa questão é teoricamente insolúvel para Tchernichévski, exatamente do mesmo modo como fora para Holbach, Helvetius e Feurbach, pois a história ainda não havia produzido nenhum objeto, nenhuma estrutura social tal que a partir dela uma visão de mundo desse tipo pudesse ter sido desenvolvida. A expressão beletrista que o comportamento de Tchernichévski se impôs a respeito disso é para ele fecunda: a insolubilidade teórica podia tomar forma apenas de modo literário. E isso se torna claro na figura de Rachmetov: em um romance posterior de Tchernichévski, a figura de Volgin, no “prólogo”, é uma confissão parecida a respeito da vida cheia de sacrifícios de um revolucionário que em seu tempo era solitário, porque via as coisas de modo claro. Rachmetov é a figura típica heróica da camada inicial de desenvolvimento dos revolucionários russos e, ao mesmo tempo, um protótipo, cujos impactos morais ainda estão vivos até hoje.

Em sua figura imediata, o asceticismo de Rachmetov deve ser naturalmente determinado pelo tempo. Rachmetov, que descende de uma família nobre bem estabelecida, dedica toda sua energia, toda sua vida, para a preparação da revolução e leva, por isso, forçadamente uma vida ascética. Um tal asceticismo é uma aparência que acompanha necessariamente os primeiros movimentos revolucionários: a encontramos também no início dos movimentos operários. Mas aqui não se está falando de um asceticismo de velha guarda, ao menos em Tchernichévski: trata-se não de uma negação da personalidade, não de um mandamento que vem do exterior ou de um dever moral desse tipo, nem mesmo de subjugar a vida. Rachmetov é um homem significativo justamente por isto, porque se sente sua personalidade precisamente nesse autossacrifício consequente.

Ao mesmo tempo torna-se clara, nessa passagem, a dialética complicada da atividade individual e social. Esse cumprimento não surge de modo direto, mas por meio de uma série contínua de contradições dialéticas: da renúncia, da verdadeira e dolorosa renúncia surge o cumprimento e igualmente experimenta-se o indivíduo, também visto a partir do seu ponto de vista, já a renúncia, a falta do cumprimento imediato e individual como o verdadeiro cumprimento de sua personalidade.

Tchernichévski ocupa-se, como sabemos, já desde cedo de modo teórico com essa questão. Em 1861 surge de repente em um artigo que ele escrevera sobre o economista americano burguês Carey uma “inserção” sobre a questão moral da Judith bíblica:

Eu gostaria apenas de ressaltar que Judith não agiu de modo incorreto. A circunstância na qual um sacrifício tão horrível do homem que quer ser útil à sociedade é exigido não ocorre frequentemente; no entanto, pela existência cidadã cada um passa por tais combinações históricas nas quais o cidadão é obrigado a renunciar a uma parte de sua aspiração para que outras aspirações mais altas, mas importantes para a sociedade, possam tomar parte. O caminho da história não é a calçada plana da *Nevski Prospekt*: agora ele cruza um campo, depois leva a um abismo, aqui ele é apenas pó, ali ele é todo sujo. Quem tiver medo de ficar encoberto de pó, de que suas botas possam ficar sujas, este não toma parte da atividade social. Este é um trabalho grato, caso realmente se pense no bem-estar dos homens, mas está longe de ser uma atividade muito limpa. É claro, diga-se de passagem, que se pode conceber a pureza moral de diversos modos: pode-se encontrar homens que acreditam, por exemplo, que Judith não se maculou”.

O que aqui aparece em uma formulação teórica é representado de modo natural no romance como a situação individual e a tomada de posição do homem individualizado concretamente. Desse modo, Vera diz a Rachmetov, que lhe falava em relação a si mesmo da fraqueza da natureza humana: “O senhor e a fraqueza – meu deus! Mas diga-me, eu estou completamente assombrada e não lhe reconheço mais. Eu tinha o senhor sempre por um monstro fúnebre – agora se torna um homem amigável e interessante”. Ao que responde Rachmetov:

Vera Pavlovna, eu me desfiz de uma simpática tarefa, como eu poderia não estar feliz? Mas é um caso extremamente raro. Eu vejo cada tipo de coisa no mundo que não é de se espantar se acabo me tornando um monstro fúnebre. A senhora me vê agora em um estado de espírito que eu gostaria de estar sempre; mas vamos deixar em segredo que é contra a minha vontade que eu seja um monstro lúgubre. É mais fácil para mim cumprir com meus deveres se ninguém souber que, para além de todo o meu zelo, eu teria muito prazer em me alegrar com a vida.

Vemos, aqui, aqueles traços do tipo revolucionário que encontramos até os dias atuais nos martirizados, nas grandes figuras do movimento libertário do proletariado. (Pensemos apenas, para indicar um exemplo atual, no diário escrito na prisão de Fucik). Essa dialética abre-se, evidentemente, nos maiores personagens do movimento operário, em personagens mais altas do que no romance de Tchernichévski, uma vez que a clareza, o desenvolvimento e o despertar da

consciência do movimento retira de si a abstração, a rigidez e os exageros dos movimentos revolucionários iniciais. Esse desenvolvimento seguinte vemos nos heróis proletários de Gorki de modo bastante claro.

Mas os olhos afiados de Gorki descobrem esses caminhos também na mais alta figura do movimento operário moderno, em Lênin. Em suas recordações, revela com qual prazer Lênin ouvira tocar a sonata de Beethoven. Gorki diz que Lênin uma vez teria dito o seguinte:

Eu não conheço nada mais bonito do que a ‘Appassionata’, e poderia ouvi-la o dia inteiro. Que música magnífica, não mais humana! Penso sempre com inveja, talvez com uma inveja ingênua: veja que magnífica obra a humanidade pode produzir! Então ele fechou os olhos e disse quase com tristeza: ‘Mas muito frequentemente eu não posso ouvir música. Ela ativa os nervos, pode-se dizer coisas engraçadas e tolas e os homens que vivem nesse inferno sujo e apesar disso podem produzir tal beleza mimam a cabeça. Mas, hoje em dia, não se permite a ninguém mimar a cabeça, ou é a mão de um que será mordida. Bater na cabeça é o que se deve fazer, inclementemente bater, embora sejamos contra qualquer tipo de violência aos seres humanos. Hmm. Hmm. Um funcionário público infernalmente difícil.

Não é por acaso que Gorki aqui nos lembrou de Tchernichévski. Na mesma passagem, Gorki cita uma outra fala de Lênin que é a que organiza esse complexo de problemas; a ocupação individualmente concreta, o cumprimento completo que significa o surgimento nele. Lênin e Gorki conversam sobre crianças e Lênin diz:

Sim, elas viverão melhor do que nós. Muito do que a vida nos fez elas não terão que aguentar. A vida delas será menos cinzenta’. Ele olhou para longe, para as montanhas onde estava uma aldeia aninhada de modo seguro, e acrescentou de modo ponderado: ‘Mesmo assim eu não os invejo. Nossa geração foi capaz de realizar um trabalho de enorme significação histórica.

Tchernichévski tornou-se por necessidade um escritor de romances. Ele mesmo nunca pensou em si mesmo como um beletista autêntico. Seus caluniadores reacionários burgueses contestam que ele seja efetivamente um escritor, efetivamente um poeta. Também, nesse romance – e na figura de Volgin – está a maior façanha de um escritor: ele criou para todo um período – provavelmente também para além – um tipo exemplar válido com meios literários. Essa façanha ainda não está clara para o público que não é russo. Para além da fronteira da União Soviética costuma-se designar a pré-história moral e humana da revolução com frases do niilismo. Ainda mais se essa falsa noção não é oriunda da caricatura caluniadora de Dostoiévski, mas do Basárov de Turguêniev. *Pais e Filhos* apareceu em 1862, no ano da prisão de Tchernichévski. O estudante de Tchernichévski, Antonovitch, escreveu “contemporaneamente” uma crítica negativa a respeito do conhecido romance de Turguêniev e desmentiu sobretudo as características da figura de Basárov. Essa crítica provocou, na literatura russa, uma discussão

apaixonada, principalmente nos círculos da esquerda. Aqui não é o lugar de relatar essa discussão nem mesmo em suas linhas gerais. Uma coisa, contudo, é certa: Turguêniev caracterizou os traços de seu herói de fora, a partir do ponto de vista do liberalismo nobre, aquele que simpatiza com a reforma, mesmo que ele, como escritor autêntico, aspirou a uma certa objetividade, mesmo que ele intuía de modo sincero as energias espirituais e morais do novo tipo. Mas, naturalmente, ele não pode compreender seus lados positivos e humanos. Tchernichévski via esse tipo de dentro: da problemática mais interna do movimento revolucionário; por isso, nele, não apenas os traços positivos desse tipo tornam-se claros, como também aquelas que caracterizam um grande período. Pois hoje já está bem claro que o Basárov de Turguêniev não tem nada a ver com a figura central dos movimentos revolucionários posteriores. Por isso que não é nenhum acaso qual das duas tentativas de criar tipos mais se aproximou da verdade social, humana e moral desse tipo. Também é ainda menos por acaso qual dos dois fora das fronteiras da União Soviética até agora teve o maior impacto. Hoje o ponto de vista relativo à vida assim como à literatura se modificou em muitos grupos. O impacto de Tchernichévski tornou-se hoje possível também entre nós.

6.

Ainda hoje o leitor médio deve superar muitos preconceitos para compreender a arte e a cultura literária de Tchernichévski. Já dissemos que esse romance se coloca abertamente contra a posição da estética tradicional tanto em sua polêmica quanto em seu método criativo. A dificuldade aumenta pelo caráter “conspirativo” da formulação; o que era óbvio para o leitor da época e para o (com certas diferenças) leitor russo posterior é em muitos aspectos mais difícil para nós de decifrar. É claro que também na época da contrarrevolução leríamos entre as linhas. Mas esse sugestionamento “conspirativo” seria, para nós, eminentemente apenas uma noção confusa de uma insatisfação qualquer indefinida, geralmente apenas uma oposição estetizada contra o regime reacionário. Tradições de uma conspiração realmente revolucionária gozam entre nós de um baixo nível.

Uma dificuldade importante reside em que o modo de escrever público de Tchernichévski corresponde aos hábitos e gostos do escritor médio atual. A fraqueza ideológica dos movimentos europeus e americanos novos, oposicionistas e talvez até revolucionários, revela, entre outros, que esse estilo publicista na maioria dos casos é mais profundo política, humana e esteticamente do que nos métodos criativos, compreendido em sentido mais restrito. (Upton Sinclair). Tchernichévski ainda é o herdeiro da grande tradição publicista mundano-literária. A consideração literária atual, que data da nova literatura do expressionismo, não conhece essa tradição e nem quer conhecê-la. Ela não tem nenhum conhecimento de que muitos escritores conhecidos e excelentes da literatura mundial trabalharam igualmente com métodos publicistas – no sentido que damos a esta palavra aqui – e na beletrística. Darei apenas alguns nomes para indicar o problema: Richardson e Rousseau, Diderot e Lessing, o jovem Schiller e Heine, Victor Hugo e George Sand, etc. etc.

Na literatura russa, desde o período gogoliano, a corrente dominante é aquela que insere a beletrística imediatamente nas grandes questões revolucionárias

atuais do período. Encontramos nos escritores russos mais significativos essa relação quase sem exceções. Em Tolstói, que talvez seja o maior tipo da literatura do novo período, em um escritor que cria exclusivamente por meio da formação de sentido e não com a ajuda de comentários e análises introduzidos, essas excursões no campo das questões atuais atuam geralmente como puro entreato, são um corpo estranho em sua obra. (De modo mais claro vemos isso em sua polêmica histórico-filosófica em *Guerra e Paz*). O estilo de Dostoiévski está bem próximo do de grandes escritores publicistas da literatura mundial acima mencionados. Por conta disso, nele esse contraste estilístico é bem mais fraco do que em Tolstói. Mas, porque suas visões políticas reacionárias estavam em conflito com a verdade social de seu mundo representado, realiza-se nesse conflito – se o ponto de vista publicista imediato do autor vencer – aquilo a respeito de que Gorki fala: que Dostoiévski na verdade difama sua própria forma. Em Tchernichévski, a unidade entre poeta e publicista é completa tanto a respeito da forma como do conteúdo estético ou moral: por isso, o *pathos* social e humano de seus romances.

Trata-se da tendência literária? Sim e não. Engels escreveu o seguinte sobre essa questão: “Não sou de modo algum contra a poesia de tendência como tal. O pai da tragédia, Ésquilo, e o pai da comédia, Aristófanes, eram ambos fortemente poetas de tendência, não menos o eram Dante e Cervantes, e o melhor em Schiller é o *Intriga e Amor*, tanto que é o primeiro drama de tendência político alemão. Os russos e noruegueses modernos que produzem bons romances são todos poetas de tendência”.

O estilo de Tchernichévski é um estilo sobremaneira especial e individual: é característico dele o papel decisivo que atribui à reflexão na individualização do homem. Nisso reside novamente uma situação peculiar para não poucos leitores. Hoje a característica geral dos romances burgueses é que eles incessantemente acabam caindo na ensaística, fazendo com que o leitor tome-o como verdadeiro, correto, artístico, caso o conteúdo do ensaio esteja politicamente correto, caso a reflexão seja “psicologicamente profunda”, caso ela descubra as “profundezas” irracionais da vida instintiva, ou seja, quando ela destroe os personagens, quando ela borre ou deixe desaparecer a sua relação com a sociedade. A direção das reflexões de Tchernichévski é justamente a contrária. Por conta disso é que em determinados círculos burgueses existe uma oposição tão grande ao seu estilo. Não se costuma pensar que as reflexões tchernichevskianas sejam sempre concretas: ele procura sempre tornar consciente em uma situação concreta homens concretos: aquilo que eles devem fazer, por que eles devem fazer o que fazem, como as mudanças de sua vida se relacionam com os fundamentos sociais, sua existência pessoal, com o objetivo social.

Ocorre apenas que Tchernichévski coloca essas questões de modo mais agudo, ele busca de modo mais definitivo a conscientização do que em geral a grande literatura. Mas encontramos uma maneira de representar desse modo – se não em posição tão central – também em Goethe e Tolstói, Balzac e Dostoiévski, e, principalmente em nosso tempo, em Thomas Mann desde o *Montanha Mágica*. Se o romance de Tchernichévski é poético, será decidido pela seguinte questão: em que medida essas reflexões são típicas e individualmente únicas e inseparáveis, em que medida elas são não apenas a aplicação de verdades gerais e abstratas em casos

individuais, estranhos à sua essência, mas também o adensamento de conflitos individuais em pensamentos, em generalizações, representações de mudanças de destino pessoais, nos quais as reflexões dos personagens, o tornar-se consciente pensante, são um componente orgânico da vida, da conduta de vida do indivíduo, e, como tal, o personagem individual tornado vivo e ao mesmo tempo elevado à altura do típico.

O valor literário dos romances de Tchernichévski pode ser julgado apenas a partir disso. Ninguém o toma por um visionário retratista de homens e tipos, irresistivelmente sensível como Balzac ou Tolstói. Mas seria uma grande injustiça traçar essas fronteiras apenas a partir de cima. As formas de Tchernichévski que tomam vida de modo “intelectual” – ou seja, com ajuda de reflexões sociais e morais – são em não poucos casos – como indivíduos e principalmente como tipos – bem mais vivas do que as de inúmeros heróis mais conhecidos, principalmente pela personagem humana do escritor moderno glorificado. A decadência literária leva toda fisionomia intelectual e moral dos personagens da literatura a, por assim dizer, esvanecer completamente. Ela distanciou-se radicalmente das determinações sociais da vida individual.

Com isso, ela fez com que o sentido por essa parte da vida se perdesse para o leitor. Tchernichévski como escritor teve um efeito e valor educativo para muitas gerações de sua pátria, e ele pode também o ser para nós: na medida em que suas obras nos despertem para o sentido dos valores que realmente são essenciais da vida humana.

À “aridez” e pura racionalidade de Tchernichévski estão em forte contraposição o “refinamento” e a “profundeza” espiritual da decadência, ainda mais do que a “compreensão”. Quem se permitir – imparcial e livre de preconceitos decadentes – observar o romance de Tchernichévski, irá sentir quanto calor, fineza e tato surgem nele de modo vivo, e se transformam em um impulso para a própria relação dos humanos entre si – em ríspida contraposição à crueza espiritual, à brutalidade espontânea, e à inferioridade moral que aparece nos escritores “finos”, “profundos” e “poéticos” da decadência. Que a psicologia de Tchernichévski não seja “profunda” não é nenhuma falta poética, mas uma relação de visão de mundo: Tchernichévski recusa todo o mundo da moralidade – para ser correto: a amoralidade niilista – que procede dessa “profundidade”. Ele a nega, ou seja, por um lado, declara que tudo isso é o fruto espiritual do parasitismo ocioso, por outro, quer despertar o homem para que ele, na medida em que atinja uma autoconsciência ativa, supere em si mesmo esse mundo sentimental danoso e infrutífero para a humanidade.

Ainda em uma outra perspectiva, o modo de escrever tchernichevskiano está em aguda contraposição às modas de se escrever, ao comportamento literário da decadência. A Tchernichévski interessava as características positivas e valiosas do homem, as quais ele levava até às alturas – do homem Tchernichévski tanto quanto do político. Disso se segue que ele se esmerava em dotar seus personagens, desde sua base, de suas características positivas, e ao representa-los, ressaltava tais características.

A grande luta de Tchernichévski tem como objetivo a fundação de uma comunidade humana. O dilema de Balzac de que os homens são ou cobradores ou

fraudadores já não é mais válido: Maria Alexêvna, a mãe de Vera, expressa essa constatação balzaquiana do seguinte modo: “Quem não é um louco é um patife, e apenas quem é um louco não é patife”. Ao escritor Tchernichévski interessa, portanto, em primeiro lugar, não as nuances anímicas da loucura ou da patifaria, mas as constituições anímicas, as direções das ações dos novos homens que levam a esse dilema da sociedade burguesa. O nihilismo do último século qualifica, contudo, os valores morais (principalmente os sociais morais) do homem como mera banalidade ou cavilação. O dilema balzaquiano já se tornou nesse mundo tão óbvio, tão *a priori* da consideração humana, que é superficial discorrer sobre isso: ao escritor burguês interessa hoje apenas o como desse fato, e não o fato em si, suas causas e consequências.

Na representação humana de Tchernichévski, o socialismo utópico se mostra como fundamento ideológico (consolidado pela situação política agravante do escritor e da publicação). Isso se torna especialmente evidente no fato de que – apesar da nítida contraposição entre as características positivas que formam e caracterizam seus personagens, assim como também da moral social e individual do ambiente que subsiste no velho mundo – recai, contudo, o acento no positivo, nas tendências construtivas e não nas destrutivas. Vemos que isso não impede que o romance se torne o grande educador dos revolucionários, os quais há mais de meio século estavam orientados para a necessidade histórica mundial da luta e da destruição. A atualidade – no melhor sentido dessa palavra – desse livro promove hoje ainda mais tal positividade.

Finalmente, o comportamento e o modo de representar de Tchernichévski resulta em que seus romances – assim como em geral todos os escritos verdadeiramente significativos – dão mais do que reflexos fiéis de sua parte interessante e importante do mundo: eles espelham o humano de uma grande individualidade, de um grande homem e seu comportamento em relação ao mundo. Essa constatação diz respeito em geral a toda obra significativa de um escritor significativo. No entanto, o modo de escrever com o qual Tchernichévski expressa sua individualidade é muito mais direto e, por isso, muito mais espinhoso e sensível do que em escritores do tipo de Goethe ou de Balzac. Nesses tipos espelha-se (também em seus pequenos personagens, principalmente nestes) a individualidade do escritor no seu produzir poético, ao mesmo tempo, no entanto, em que ela também se encobre; nisso pode acontecer – principalmente nos pequenos – que uma obra estupenda possua um impacto duradouro sem que seu autor seja uma individualidade humanamente significativa. No tipo de Tchernichévski, um tal impacto – justamente por conta do seu comportamento direto – pode ser apenas total ou absolutamente nenhum. Quando um tal batalhador, um escritor que se expressa mais ou menos predominantemente por meio da publicística, não vai até à raiz de sua própria existência de homem verdadeiro, ou seja, quando não é uma personalidade verdadeira, então a vivência da aridez, do vazio, deve surgir no leitor que tem como exigência artística – na maioria das vezes injustamente –, e ele acaba ficando impaciente. De tal modo originada, essa impaciência que se refugia no romance ou no drama, se põe contra a publicista mediana, tanto que se priva dessa pretensão exagerada das vivências dos grandes homens, quando ela se fecha contra escritores do tipo de Tchernichévski. É possível que Tchernichévski, caso não tivesse sido aconselhado no cativo, nunca tivesse escrito um romance. Mas, sem dúvida, o

mundo de tudo o que já foi escrito seria, sem tal romance, mais pobre: faltaria a ele o autorretrato traçado com a sabedoria pudica, com a sinceridade fina, de um homem puro e grande revolucionário.